

## **Eu ontem sonhei com você!<sup>1</sup>**

Darlene Tronquoy<sup>2</sup>

*Isso quer dizer que o analista intervém concretamente  
na dialética da análise se fazendo de morto,  
cadaverizando sua posição (...)  
seja por seu silêncio, ali onde ele é o Outro,  
Autre [Outre] com A maiúsculo, seja anulando sua própria resistência,  
ali onde é o outro, outro com a minúsculo.  
Em ambos os casos e sob as respectivas incidências  
do simbólico e do imaginário,  
ele presentifica a morte.  
LACAN, J. “A coisa freudiana”, In: *Escritos*, p. 431.*

Esta pequena intervenção pretende fazer uma tão breve quanto simples homenagem a Sigmund Freud através de um pequeno comentário a respeito da transferência – sobre este conceito fundamental da psicanálise – em nossos dias; e não sem trazer um fragmento da clínica para refletirmos sobre as quantas anda, hoje, a possibilidade de sua sustentação na medida mesma em que uma análise tanto dela depende para começar quanto seu fim é o correlato de sua liquidação.

É sempre bom lembrar que, mesmo com todos os aportes, com toda a sofisticação – necessária – do encaminhamento lacaniano sobre a transferência, Freud foi quem desvelou esse “fenômeno” do qual a própria clínica psicanalítica é tributária.

Arrisco-me a dizer que, sem ele, talvez o conceito de inconsciente não ganharia a “operacionalidade” que lhe é própria, onde? Na clínica, claro! Pois a transferência permite, em ato, a atualização da realidade do inconsciente – a fantasia –, os complexos nos quais se apoiam o sintoma e a repetição que lhe é inerente, o automaton, mas também a tiquê, o real, o impossível do encontro com o objeto visado, justamente, no amor.

Neste sentido, o texto “A dinâmica da transferência” [1912] é essencial e nos traz, após alguns anos já passados do próprio nascimento da psicanálise, uma teorização que jamais perderá seu valor, notadamente quando Freud sublinha – não sem antes nomear a questão da transferência como “tópico inexaurível” – que é por meio da transferência que o que está sob recalque, mas ativo na produção dos sintomas, vai comparecer e “transferir-se”, encarnar-se – se assim podemos dizer – na figura do analista. Nos termos de Freud, o analista será “catexizado”, investido libinalmente e, assim, entrará nas “séries psíquicas” de seu analisante. Ou seja, Freud nos dirá que é preciso compreender que o que

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na Jornada de Estudo em língua portuguesa da Associação Lacaniana Internacional- ALI. Tema: A transferência (e a clínica atual), em 14 de junho de 2026.

<sup>2</sup> Psicanalista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória e da Association lacanienne internationale-ALI.

se repete, sintomaticamente, e o que não se tem a capacidade de mudar está, forçosamente, ligado ao modo construído – e ignorado – de nos conduzirmos em nossa vida erótica, que se “atualizará” no tratamento.

Este, no meu entender, é o feijão-com-arroz da clínica, e é o que está no fundamento da transferência sendo esta, por sua vez, o que autoriza nossa tarefa diária, e sem o que não há possibilidade de haver ato analítico, quer dizer, de haver alguma mudança na topologia do sujeito, para ir diretamente ao ponto onde nos leva Lacan e seu percurso sobre a transferência.

É o ato analítico, pois, que interroga, coloca em questão o sujeito suposto saber que sustenta a transferência, quer dizer, onde há sujeito suposto saber (fórmula com a qual Lacan define, em 1967, em sua Proposição de 9 de outubro, pivô que articula tudo o de que se trata na transferência), há transferência, mas o ato, como princípio de uma mutação subjetiva, o abala, coloca em questão o próprio sujeito na cura analítica, e pode pôr fim ao amor de transferência, sem o que, por sua vez, não há fim de análise.

Esses apontamentos servem para nos lembrar de que, apesar dos impasses e dificuldades que, hoje, são impostas ao dispositivo analítico tanto quanto à difusão e transmissão da psicanálise, é uma questão ética – e disso depende o porvir da psicanálise – que não cedamos sobre o que pode sustentar-se com a virulência com a qual ela irrompeu e vem se sustentando na cena do mundo. E são nossos analisantes – e nossa própria experiência como analisantes, claro – que nos convocam a não cair no encanto das “objetivações psico-sociológicas”, nas quais, em suas incertezas, o analista, muitas vezes, vai buscar a substância daquilo que faz, embora isso só pode lhes trazer uma abstração inadequada em que sua prática se atola e se desfaz”, como nos diz Lacan (1998, p. 439), em “A coisa freudiana”. Resgatar, pois, o sentido da experiência freudiana e seu motor é sempre um caminho necessário, absolutamente não sem Lacan.

Sabemos que a “luta” contra as resistências à psicanálise é sem fim. “Resistir” ao Real, ao Real que ela insiste em desvelar/revelar traz, consigo, suas inerentes defesas, sua recusa. Reconhecer suas formas e nomeá-las se faz necessário para que não percamos o fio do rigor ético que deve sustentar nossa práxis. E se Lacan aborda a transferência fazendo a crítica do modo como se a tomou após Freud, foi justamente para nos colocar em cheio no que está em jogo no manejo da transferência: há que se reconhecer, de saída, que o que marca essa pretendida “situação” é mesmo algo mais radical que uma “dissimetria”; trata-se de uma “disparidade” entre analista e analisante, ainda que seja necessário, como uma condição mesma, jogar o jogo do semblante para que possa haver ato.

Abordar, pois, a transferência pelo viés da “disparidade” é colocar a experiência analítica em uma dimensão que pode barrar, justamente, a ilusão e as promessas de felicidade, de adaptação, de resultados ou a tomada da psicanálise como mais um objeto de consumo. Esta é uma questão que se coloca do lado do analista.

Por outro lado, sem ter como abordar, no limite deste texto, a extensão do problema na atualidade, trago, ao menos, a seguinte pergunta que se colocaria do lado daqueles que, por alguma razão, ousam buscar uma análise: ainda é possível – diante de tantas respostas e “soluções” propostas pela tecnociência, pela Inteligência Artificial, pelas fórmulas dos *coaches* e *influencers* que, francamente, têm encarnado o lugar do Outro, melhor, do Outro do Outro, de simulacros de semblantes, eu diria, “simulacros de significantes mestres”, e não com “segredos”, mas com suas “respostas de liquidificador”<sup>3</sup>, ainda é possível, ainda há lugar, e tempo, para que um sujeito formule uma – assim vou denominar – uma “verdadeira demanda” de análise?

Ou seja, um pedido que inclua uma temporalidade que não é a do mundo pós-moderno, que quer as coisas para ontem? Há lugar ainda para que alguém possa se implicar em seu sofrimento, naquilo do que se queixa, em seu gozo, melhor, pode ainda, esse alguém, suportar deparar-se com uma verdade, a de que há um Outro que goza nele e dele?

Sabemos que, para que haja psicanalista no horizonte, faz-se necessário destronar, atacar o significante mestre revelando sua visada de alcançar o absoluto para que, no lugar de sua função (pois ele é necessário à constituição subjetiva) possa advir uma causa, a que resulta da ligação do sujeito do inconsciente ao corpo, ou seja, aquilo que Lacan chamou de *objeto pequeno a*. E está nisso o poder da psicanálise: sustentado pela transferência – cujo fim se coloca desde o começo –, o trabalho analítico vai fazendo vacilar os semblantes, incluindo, e como condição mesma, o sujeito suposto saber, que sofre uma inversão, pois o analista passa a supor um saber, não a um sujeito, mas ao inconsciente, o que provoca, no fim das contas, o desaparecimento, a queda daquilo que foi, ao mesmo tempo, todo o pivô da análise: o sujeito suposto saber ao analista.

Há alguns anos, uma ainda jovem mulher vem me ver. Ela quer mudar, “ser outra” (nos últimos tempos, referindo-se ao início da análise ela diz: eu te escolhi porque queria ser igual a você), pois não suporta mais os devaneios diurnos que a invadem sem pedir licença. Por conta deste sofrimento, ela frequenta uma Tia, irmã de sua mãe, junto a quem desfila seu rosário de lamentações, quase diariamente. Uma paciente à “moda antiga”. Não havia, em sua queixa, nenhuma demanda de livrar-se rapidamente de seu sofrimento. Muito pelo contrário, Lia (nome fictício), temia não ser recebida quando trazia algum ponto de melhora, ou de alívio, mas sempre acompanhado de um “mas ainda não estou bem”. Contudo, Lia recuava, uma agressividade comparecia, a cada vez que o analista sugeria alguma implicação na dor que carregava.

---

<sup>3</sup>Passagem de uma letra de Cazuza, “Codinome beija-flor”:

“Que só eu que podia  
Dentro da tua orelha fria  
Dizer segredos de liquidificador”.

As sessões, ainda entrevistas, se seguiam e pareciam substituir as idas à casa da Tia. Esse tempo dessa passagem, desse “deslocamento transferencial”, foi consideravelmente longo, até que pudesse passar meses sem fazer estas “visitas”. Três vezes por semana, praticamente de forma infalível, era a frequência com que trazia os significantes de sua história que iam desenhando, discursivamente, sua posição subjetiva. A demanda de tempo, de mais tempo, era sem fim e trazia uma dificuldade para o analista: fazer cortes e pontuações. O manejo era difícil. Mas o analista insistia de forma um tanto calculada para que Lia pudesse suportar a angústia de ser “mandada embora antes do tempo”, o que, por vezes, se passava, e era o ódio quem adentrava, no encontro seguinte, o consultório antes mesmo que pudesse sentar-se. Numa dessas vezes, surpreendentemente, ao chegar, ao invés do costumeiro esbravejamento, às vezes mesmo ameaças, ele solta um “Eu ontem sonhei com você!” Um novo tempo se inaugura neste percurso, e uma análise pôde, efetivamente, começar.

O objetivo aqui não é entrar nos meandros desta cura, tampouco será possível mostrar todo o encaminhamento Lacaniano a respeito do lugar/função do analista na transferência, mas aprendemos, com Freud e Lacan, que sem que ele aí seja “sonhado”, nada se passa. Porém, quero dizer que esta análise, em particular, muito tem me instruído a respeito justamente sobre o propósito de Lacan, em muitas passagens de seu ensino, claro, mas particularmente neste Seminário (nas Lições, XXV, XXIV e XXV, notadamente) no qual ele visa, ele ousa “(...) formular o que o analista deve ser/estar (“être”, em francês que, em português, pode ser traduzido por “estar”, o que talvez seja interessante notar quando sabemos que, se o analista “é” alguma coisa, este ser não pode ser tomado senão como um *furbi*, uma tralha, um resto, um semblante a ser destituído) verdadeiramente para responder à transferência”, ao amor de transferência.

Esta analisante me lembra, a todo momento, o necessário do se fazer semblante do outro que ama, pois para este Outro se dirige a demanda de ser amado e, ao mesmo tempo, bascular para a posição daquele que pode sustentar o lugar do vazio necessário para que este sujeito, em busca de “algo que o outro possui e ela não”, possa, ele mesmo, poder bascular de sua tentativa de fazer consistir um Outro a uma posição desejante, pois a saída, o sabemos, nada tem a ver com uma substituição dos ideais – os já constituídos na experiência subjetiva – mas com a identificação, se se trata de uma, com o objeto causa, o que só é possível quando o que suporta o dispositivo analítico é o desejo do analista, daí sua proximidade com o lugar do morto.

Mas quero deixar uma questão antes de terminar. Tendo em vista, em nossa contemporaneidade, a precariedade, em termos de recursos simbólicos, e mesmo da montagem simbólico/imaginária necessária frente ao real do *Hilflosigkeit*, do desamparo original de nossa condição, esses sujeitos da pós-modernidade, cada vez mais, não têm eles nos convocado de forma avassaladora, a lhes emprestar algo, mesmo se presentificamos a morte, também de nossa parte de vivo?

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. “A dinâmica da transferência” (1912). In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976. v. XII.

LACAN, Jacques. “A coisa freudiana”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. *Le transfert dans as disparité subjective, as prétendue situation, ses excursions techniques, Séminaire 1960-1961*. Publicação não comercial. Documento interno da Association Lacanienne internationale e destinada a seus membros. Tiragem de abril de 2025.